

«Em família, na escola, no Movimento, na igreja, entre amigos ou nos meios de comunicação normalmente se fala dele, às vezes positivamente, outras vezes negativamente: cada um tem uma opinião sua e uma experiência sua, mas para você o que é o cristianismo?»

«DEIXAR MARCAS NA HISTÓRIA DO MUNDO»

1. O acontecimento cristão como encontro

por Luigi Giussani*

1. ANDRÉ E JOÃO

O cristianismo é o anúncio de que Deus se fez homem, de que nasceu de uma mulher, num determinado lugar e num determinado tempo. O Mistério que está na raiz de todas as coisas quis que o homem o conhecesse.¹ É um Fato que ocorreu na história, é a irrupção de uma Presença humana excepcional no tempo e no espaço. Deus deu-se a conhecer revelando-se, tomando a iniciativa de se apresentar como fator da experiência humana, num instante decisivo para a vida inteira do mundo.

Depois de quarenta dias de jejum e de contemplação, ei-lo outra vez no local do seu batismo. Sabia antecipadamente o encontro que ia ter: “Eis o Cordeiro de Deus!”, diz o profeta (decerto a meia voz), ao vê-lo aproximar-se. Nesse momento dois dos seus discípulos estavam junto dele. Olharam para Jesus, e esse olhar bastou: seguiram-no até o lugar onde ele morava. Um deles era André, irmão de Simão; o outro, João, filho de Zebedeu: “Jesus amou este último, logo que o viu”. O que está escrito acerca do jovem rico que devia afastar-se tristemente subentende-se aqui. Que fez Jesus para os reter? “Vendo que iam após ele, perguntou-lhes: ‘Que buscais vós?’ Eles responderam: ‘Onde morais, Mestre?’ ‘Vinde e vede’, disse Jesus. Eles foram, viram onde habitava, e passaram com ele o resto do dia. Devia ser aproximadamente a décima hora.”²

É assim que François Mauriac, em sua *Vida de Jesus*, reproduz a primeira aparição dessa presença como “problema” que toca definitivamente a história. »

¹ Cf. L. Giussani, “Il valore di alcune parole che segnano il cammino cristiano”. In: *L'Osservatore Romano*, 6 de abril de 1996, p. 4.

² F. Mauriac, *Vida de Jesus*. Porto: Editora Educação Nacional, 1937, pp. 44-45.

* Do volume L. Giussani - S. Alberto - J. Prades
Deixar marcas na história do mundo,
Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2019, pp. 15-20.

» O capítulo 1 de São João é a primeira página literária que fala disso. Além do anúncio explícito – “A Palavra se fez carne”,³ aquilo de que toda a realidade é feita se fez homem –, esse capítulo contém a memória das duas primeiras pessoas que o seguiram. Uma delas, anos depois, registrou por escrito as impressões e os traços do primeiro momento em que o fato aconteceu. Essa pessoa lê em sua memória as anotações que ali restaram.⁴ Todo o capítulo 1 de São João, depois do Prólogo (vv. 1-18), é uma série de frases que são verdadeiras notas tomadas pela memória. Realmente, a memória não tem como regra uma continuidade sem lacunas, como vemos, por exemplo, em algo criado pela imaginação; a memória “toma notas”, literalmente: uma anotação, uma linha, um ponto, de um modo em que uma frase dá conta de muitas coisas, e a frase seguinte começa depois das muitas coisas supostas pela frase anterior. As coisas são mais supostas que ditas; uma ou outra é realmente dita, como ponto de referência.

“No dia seguinte, João estava lá, de novo, com dois dos seus discípulos. Vendo Jesus passar, ele disse...”⁵ Imaginemos a cena. Depois de cento e cinquenta anos de espera, finalmente o povo judeu, que em toda a sua história milenar sempre tivera profetas, tem de novo um profeta: João Batista. Outros escritos da Antiguidade referem-se a esse personagem; está historicamente documentado. Finalmente, portanto, chegou João, chamado “o batizador”. Sua maneira de viver impressionava todas as pessoas; dos fariseus aos mais simples camponeses, todos saíam de casa para ir ouvi-lo, pelo menos uma vez. Todos – ricos e pobres, publicanos e fariseus, amigos e adversários, da Galileia e da Judeia – iam ouvi-lo⁶ e ver a maneira como vivia, do outro lado do Jordão, numa terra deserta, alimentando-se de gafanhotos e ervas silvestres. João tinha sempre um grupo de pessoas ao seu redor. Entre estas, *naquele dia*, estavam também dois homens que ali se achavam pela primeira vez. Eles vinham do lago, que ficava bem longe, fora do circuito das cidades desenvolvidas. Eram dois pescadores da Galileia. Estavam lá como dois aldeões que vão à cidade, deslocados, e fitavam de olhos arregalados tudo o que os cercava, sobretudo aquele homem. De boca aberta e olhos arregalados, não despregavam os olhos dele e lá se deixavam ficar, ouvindo-o, com toda a atenção. De repente, alguém do grupo, um homem jovem, que lá estava também para ouvir o profeta, afastou-se e tomou o caminho que seguia a margem do rio, rumo ao norte. E imediatamente João Batista, fitando-o, gritou: “Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo!”⁷ Ninguém se mexeu: aquelas pessoas estavam acostumadas a ouvir o profeta, de vez em quando, usar frases estranhas, incompreensíveis, sem nexos, sem contexto, e por isso a maior parte dos presentes não deu importância. Mas aqueles dois, que lá estavam pela primeira vez, pendurados a cada palavra sua e seguindo seus olhos aonde quer que se voltassem, perceberam que, enquanto pronunciava a frase, o profeta fitava aquele indivíduo que estava indo embora, e saíram no calção daquele homem. Seguiram-no mantendo distância, por medo, vergonha, mas – de um modo estranho, profundo, obscuro e sugestivo – cheios de curiosidade. “Os dois discípulos ouviram-no dizer isso, e seguiram Jesus. Jesus voltou-se para trás e, vendo que eles o seguiam, perguntou-lhes: ‘Que procurais?’ Eles responderam: ‘Rabi, onde moras?’ Ele disse: ‘Vinde e vereis’”⁸ “Vinde e vereis”: essa é a fórmula cristã; o método cristão »

³ Jo 1,14.

⁴ Cf. L. Giussani, “Reconhecer Cristo”. In: *Litterae Communionis*, n. 43, jan./fev. 1995, pp. XIX e XX; cf. também L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012, pp. 65-66.

⁵ Jo 1,35-36.

⁶ Cf. Mt 3,1-6; Mc 1,4-8; Lc 3,7-18.

⁷ Jo 1,29.

⁸ Jo 1,37-39.

é esse. “Foram, e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele dia. Era por volta da hora décima.”⁹

A narrativa não dá mais detalhes; a passagem inteira, e a seguinte também, como dissemos, é feita de anotações: as frases terminam em determinado ponto como se fosse óbvio que uma série de coisas já são do conhecimento geral. A hora é indicada – quatro da tarde –, mas não há menção de quando chegaram, nem de quando foram embora. O relato continua: “André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido a declaração de João e haviam seguido Jesus. Ele foi encontrar primeiro seu irmão Simão”, que voltava da praia, onde estivera pescando ou consertando as redes que os pescadores usam, “e lhe disse: ‘Encontramos o Messias’”.¹⁰ Nada é acrescentado, nada mais é citado, nada é documentado; é algo do conhecimento geral, são anotações de coisas que todos sabem! Poucas páginas são como essas, verdadeiras de uma forma tão realista e simples, sem que nenhuma palavra seja acrescentada ao essencial que se fixou na memória.

O que levou André a dizer ao irmão: “Encontramos o Messias”? Quando conversava com eles, Jesus deve ter usado essa palavra, que, aliás, fazia parte do vocabulário deles; caso contrário, seria impossível que alguém dissesse e afirmasse, assim de repente, que aquele era o Messias. É evidente que, depois de terem ficado ali horas e horas, ouvindo aquele homem, vendo-o enquanto falava – quem era aquele, que falava dessa forma? quem mais, algum dia, falara assim? quem, uma vez na vida que fosse, dissera aquelas coisas? não, ninguém nunca ouviu, ninguém nunca viu alguém assim! –, lentamente se foi formando em seu íntimo uma impressão precisa: “Se eu não acreditar neste homem, não acreditarei em mais ninguém, nem nos meus olhos”. Não disseram isso, talvez nem o tenham pensado, mas com certeza sentiram. Enfim, aquele homem deve ter afirmado, entre outras coisas, que era o Messias, Aquele que devia vir. Mas a afirmação, com toda a sua excepcionalidade, tinha sido tão óbvia, que eles a retiveram consigo como se fosse uma coisa simples, como se fosse uma coisa fácil de entender. Era uma coisa simples!

E André “então conduziu-o até Jesus. Olhando para ele, Jesus lhe disse: ‘Tu és Simão, filho de João; tu te chamarás Cefas’ (que quer dizer: Pedra)”.¹¹ Os judeus tinham o costume de mudar o nome de uma pessoa, para indicar seu caráter ou em virtude de algum fato que lhe tivesse acontecido. Imaginemos Simão por um instante, esse homem que acompanha seu irmão, cheio de curiosidade e um pouco de temor, e que olha diretamente para aquele a quem foi conduzido. Aquele homem observa-o já de longe. Pensemos na maneira como Jesus olhava para ele, enxergando até à medula dos ossos; pensemos no quanto compreendeu seu caráter: “Tu te chamarás Pedra”. Que impressionante deve ter sido para ele sentir-se olhado assim, por um completo estranho, e sentir-se entendido dessa forma, até o profundo de si mesmo.

“No dia seguinte, Jesus decidiu partir para a Galileia...”¹²

Toda essa página é composta dessas breves menções e desses apontamentos, em que o que aconteceu é dado como óbvio, é considerado evidente e do conhecimento geral.

⁹ Jo 1,39.

¹⁰ Cf. Jo 1,40-41.

¹¹ Jo 1,42.

¹² Jo 1,43.